

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

SUMÁRIO

22 de Setembro
A Evolução Espiritual e Física
Espiritismo, Doutrina Evolutiva
D. Gracinda Batista
País Internacional
Memórias de um Espírita Baiano
Reflexões
Solilóquio
Síntese da Evolução Espiritual
da Humanidade
Livros e Autores
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Desencarnou o Professor Leopoldo
Machado



Leopoldo Machado

A Verdadeira Glória
Espiritismo para os Espíritas, por :

ALEX DE ROCHESTER.

Conheça a vida e o sentimento do espírito em «AURORA», cidade espiritual sôbre a zona de Ribeirão Preto.

A' venda nas boas Livrarias. Cr.\$ 100,00

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Ação e Reação
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1957 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

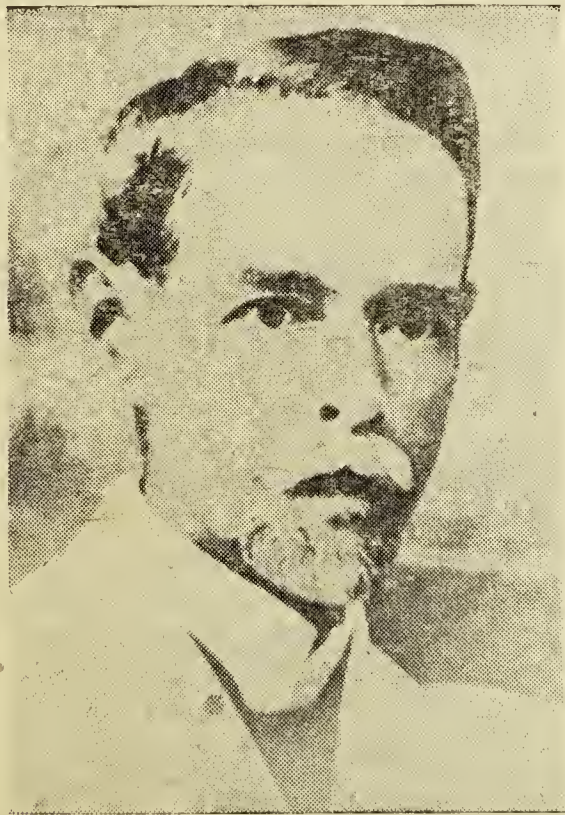
Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

22 de Setembro

O próximo dia 22 registra a passagem do 89.º aniversário natalício do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que se estivesse ainda entre nós na sua forma física, receberia as felicitações e os abraços congratulatórios dos seus companheiros de trabalho e inúmeros amigos e confrades.

É esta mais uma feliz oportunidade que temos de render-lhe as nossas homenagens, pois Cairbar Schutel foi realmente um Apóstolo do Cristianismo a serviço da Verdade. Foi por seu intermédio que tivemos a grande felicidade de ingressar no Espiritismo e trabalhar com êle na difusão da Doutrina, sucedendo-lhe na tarefa logo após o seu desincarne. É verdade que estamos longe de apresentar o mesmo trabalho de Cairbar, mas estamos da mesma forma contentes e com a consciência em paz, porque temos empregado todos os nossos esforços e boa vontade no cumprimento da tarefa que nos foi confiada. A obra de Cairbar continua de

pé, firme e acrescida de novos melhoramentos, prova de que o nosso trabalho tem sido profícuo, apesar das nossas deficiências.



CAIRBAR SCHUTEL

Faz já quasi vinte anos que Cairbar partiu para o Além e durante êste tempo o Espiritismo cres-

ceu admiravelmente, superando as melhores expectativas, a ponto de amedrontar os seus tenazes detratores, que tudo fazem para acabar com esta Doutrina, que é a revivificação do Vero Cristianismo, usando, para atingirem o fim, da mentira, da calúnia e de outros meios ainda mais baixos, que revelam grande inferioridade de espírito, de atraso espiritual e moral.

Mas, alheio às fraquezas humanas, como um pesado «tanque», o Espiritismo vai passando por cima de tudo, glorificando os nomes daqueles que deram tudo pela Doutrina, inclusive a própria vida, entre os quais Cairbar Schutel, que

lutou contra os defraudadores da Doutrina de Jesus, vencendo-os a todos com a espada da Fé e da Verdade. E a prova disto temo-la no progresso admirável da Doutrina, que cada dia avança mais em todos os meios sociais, o que está pondo em polvorosa os meios que lhe são hostis.

Ao ensejo da passagem de mais um aniversário natalício de Cairbar Schutel, almejamos ao caro companheiro as mesmas felicidades que sempre lhe desejamos, com votos de progresso no reino de Deus, solicitando-lhe a renovação do adjutório que sempre nos dispensou, afim de podermos levar a bom termo a tarefa que nos confiou.

A Evolução Espiritual e Física

HENRIQUE RODRIGUES

— III —

Não fosse a exiguidade de tempo e a vastidão do tema, muito bem caberia aqui uma explanação a respeito do conhecimento geral e da especialização, onde mostraríamos que o caminho evolutivo nos IMPORÁ o abandono do detalhe, da análise, rumo à visão do TODO, porquanto somente a síntese pode satisfazer àqueles que se lançam ao conhecimento da origem e do destino de qualquer fenômeno. O detalhe afigura-se ao labirinto do rez do-chão, enquanto a síntese nos mostra a visão superior, a visão total, onde então poderemos compreender o porque dêste ou daquele caminho que no plano inferior nos parecia supérfluo. No dia em que o homem houver galgado a condição de sobrepairar o fenômeno em seu conjunto, será então possuidor da faculdade intuitiva, única que o levará a comungar, a identificar-se com o próprio fenômeno.

Entretanto, o propósito de nosso trabalho é mostrar que a evolução psíquica produz modificações no plano do físico, modificações que podem ser de

caráter de forma ou de substância, e principalmente desta. Os acurados sentidos animais, por força da especialização, percebem essas diferenciações as quais pela ação condicionada, sedimentadas em milênios, produzem reações que podem ir da fúria louca de destruição, do desejo de ingestão, à mais completa indiferença. Os instintos dos animais revelam a êles a existência, nos indivíduos, de fluidos de caráter nutritivo e, mais que isso, indispensáveis à manutenção de suas organizações físicas, e por êsse motivo mais imperiosa se torna sua obtenção. Ele não destrói pelo prazer de destruir, mas todos sabemos que se assim procede é para satisfazer a uma necessidade. O determinismo evolutivo que lhe impõe como condição única sua auto-defesa é por natureza inflexível e a ausência de qualquer faculdade coibidora, lhe proporciona o curso mais natural.

Vamos citar, para melhor esclarecimento, algumas verdades do caráter biológico e fisiológico que bem atestam o que vimos explanando: —

Citaremos Carrel, e ficará bem claro quanto o tecido celular de uma pessoa é diferente do de outra. Diz êle: — «Em regra, os tecidos dum indivíduo negam-se a aceitar os de outro. Na transplantação do rim, por exemplo, quando a sutura dos vasos restabelece a circulação do sangue, o órgão funciona imediatamente. A princípio, comporta-se normalmente; contudo, passadas algumas semanas, aparece albumina e, em seguida, sangue na urina. É uma doença, semelhante à nefrite, produz rapidamente a atrofia do rim. Os humores reconhecem, nos tecidos estranhos, as diferenças de constituição que nenhum outro teste pode revelar. Os tecidos são ESPECÍFICOS do indivíduo ao qual pertencem». E ainda mais: — «Cada um de nós reage a seu modo aos acontecimentos do mundo exterior, ao ruído, ao perigo, aos alimentos, ao frio, ao calor, aos ataques dos micróbios e dos virus. Quando, em animais de raça pura, se injetam quantidades iguais duma proteína estranha, ou duma suspensão de bactérias, êsses animais nunca reagem uniformemente, e alguns nem sequer reagem». E conclui finalmente com esta observação, cuja profundidade talvez nem êle mesmo tenha calculado: — «Os velhos são muito mais diferentes entre si do que as crianças. — CADA HOMEM É UMA HISTÓRIA DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS».

O testemunho de Carrel, é o testemunho da ciência, e ficamos apenas surpresos ao pensar como a ciência dos homens pode aproximar-se tanto da verdade maior, sem notar-lhe a presença. Como vêem, a diferenciação do físico humano existe, sentida pelos animais e reconhecida pelos homens.

O fator imponderável que produz essa diversificação de substância imprime também modificação de formas. Não nos estenderemos na análise das infini-dades de formas da vida, porquanto estamos convergindo exclusivamente para a nossa forma atual.

Continuamos com o mesmo autor d'O HOMEM ÊSSE DESCONHECIDO. Esclarece êle: «É certo que cada um pode dar ao rosto a expressão que deseja; mas essa máscara não se pode conservar permanentemente. Sem o sabermos, o nosso rosto modela-se, pouco a pouco, pelos nossos estados de cons-

ciência. E, com o progresso da idade, torna-se a imagem cada vez mais exata dos sentimentos, dos apetites, das aspirações de todo o ser. A beleza dum jovem deriva da harmonia natural dos traços do rosto; a dum velho — tão rara — manifesta o seu estado de espírito. O rosto exprime coisas ainda mais profundas do que as atividades da consciência. Nele podem lêr-se não só os vícios, as virtudes, a inteligência, a estupidez, os sentimentos, os hábitos mais escondidos dum ser humano, mas também a constituição do corpo e as tendências para as doenças orgânicas e mentais». E finaliza: — «Para aquele que sabe observar, cada homem traz escrita no rosto a descrição do corpo e da alma».

Sabemos que o pensamento, e portanto a moral do indivíduo, pode produzir lesões orgânicas. Que será em síntese essa lesão? Não será por uma dissonância ao conjunto harmônico da sinfonia que somos nós mesmos? Quando uma nota musical inarmônica é produzida ao meio de uma sinfonia, todos a percebem, e aquilo passa a ser o mesmo que uma lesão ao nosso corpo físico, porquanto ela é também uma lesão ao corpo físico da melodia. Assim, o padrão moral das criaturas tem relação direta, e muito mais estreita do que se supõe, com o seu equilíbrio somático e, mais que isso, com o seu padrão fluídico de condensação. Aquí deixamos Carrel e a valiosa contribuição da ciência.

O conhecimento e a compreensão da preponderância do fator moral em nossa evolução, se nos tornam necessários para aceleração ritmo de ascensão, mesmo porque já nos esclarece a GRANDE SÍNTESE, «o nosso conhecimento nada cria nem desloca, a não ser a nossa própria posição».

Ao procurarmos não a razão, mas o «onde» as mutações que resultam na falta de similitude da matéria física, o ponto em que o fator moral atua e imprime suas características, vislumbramos então a realidade da forma perispiritual. Em verdade o perispirito não passa de um duplo dinâmico do nosso corpo, traço de união entre a matéria e o espírito, e que também por força de mutações sutis, evolui e se descondensa, ganhando substância cada vez mais rarefeita, mais energética e menos material. Em futuro remoto, quando nos livrarmos da

turo passo evolutivo é um imperativo da lei kardeciana «...progredir continuamente, esta é a lei», e parece-nos que já podemos ensaiar os primeiros conhecimentos, por intermédio apenas dos adeptos que já ambicionam por um padrão de cultura mais elevado.

O caminho indicado de princípio deve ser o da Astronomia, pois através desta maravilhosa ciência entraremos em contato com a maravilhosa obra do Universo. É o império dos astros, com seus mundos, sóis, galáxias, e tantos outros deslumbramentos de luzes e cores, pois tudo isto também é espiritismo dentro da ciência. Não devemos pensar que estes estudos sejam uma rara propriedade que a natureza destinou para alguns poucos homens de inteligência privilegiada.

No sentido absoluto, não concordamos com esse conceito.

Devemos lembrar que esses homens que alcançaram notoriedade também passaram pelas portas do «a b c» inicial por onde todos começam.

E não se duvida de que muitos desses sábios, quando se iniciaram nessas lides, partindo de modestos conhecimentos, e já com certa maturidade, talvez nem sonhavam com a posição notória que alcançaram.

Mas nós aqui não estamos insinuando que para estudar Astronomia é preciso tornar-se cientista, ou adquirir cultura invulgar. Podemos estudá-la, valorizando nosso padrão mental, sem que se tenha obrigatoriedade necessária para aquelas pretensões. O nosso objetivo é preparar os que desejam, para que aumentem seus conhecimentos científicos da doutrina, passando da ciência do além, para a terrestre, pois será nesta que teremos de travar a nossa próxima batalha com os materialistas. Teremos que lutar com esses opositores dentro de seu próprio terreno, já que eles recusam reconhecer as verdades da ciência da alma, pelos fenômenos do ectoplasma, soberamente comprovados.

Com isto, não queiram julgar que estamos querendo introduzir qualquer novidade no kardecismo porque esse entendimento é apenas uma continuação, antecipada desde já por alguns, preparando o terreno para que no futuro se generalize entre os adeptos da doutrina. É a instrução em marcha.

O primeiro alarme já foi dado por Flamarion, na sua bela obra «Deus na Natureza», demonstrando que dentro dos próprios conceitos das leis da matéria poderemos subjugar o Materialismo.

A oportunidade que apresentamos é ótima para moços e moças que desejam ampliar seus conhecimentos, auxiliando a causa do kardecismo, elevando-se a melhor padrão de cultura, sem prejuízos para os seus afazeres. Mesmo os que não possuam instrução além da primária, também podem se dedicar a essa tarefa, bastando saber ler e escrever correntemente, e também desejo de evolução mental.

Inicia-se pela parte elementar, sem as complexidades dos cálculos ou outras dificuldades, que se pode deixar para mais tarde aos que desejarem prosseguir. Na simplicidade dos ensinamentos preliminares da Astronomia já há muita aprendizagem para ocupar os nossos momentos vãos, com leituras agradáveis, onde a instrução se alia com as belezas dos céus. Nesse primeiro contato com os astros deve-se começar pelo estudo dos planetas, suas colorações, volumes, os informes dos observadores sobre esses mundos, especialmente de Marte, e outras particularidades elementares, mas sempre ligadas ao sistema solar. Algumas geografias colegiais oferecem noções bastante orientativas. Deve-se solicitar listas de obras elementares nas livrarias das capitais, e adquiri-las pelo fácil sistema de reembolso postal. Todas as publicações sobre esse assunto na imprensa em geral devem ser lidas com atenção, recortadas e colecionadas para futuros informes. As obras romanceadas de Flamarion, que se encontram nas livrarias da doutrina, é valioso auxílio introdutivo, pois ali, o seu autor, o poeta do céu, exalta as belezas da majestosa obra do Universo, sem fugir da realidade. Os estudos devem ser metódicos, portanto sem pressa, para que se ganhe entusiasmo e prazer nas suas leituras.

Aos primeiros conhecimentos conseguidos, como estímulo, aos que desejarem, oferecemos a oportunidade de iniciarem publicações na nossa imprensa doutrinária. Assim, experimentalmente, o iniciante poderá sem receio tentar o seu primeiro trabalho, em linguagem simples, sem complexidades, com esclarecimentos atrativos e acessíveis no sentido popula-

rizado. O número de palavras não deverá exceder de 350, salvo em casos especiais.

O iniciante nos remeterá uma cópia do trabalho, e se o mesmo estiver em condições, a devolveremos acompanhada de uma nossa recomendação para que seja enviada com o trabalho, para o jornal de sua assinatura. Se ali não tiver acolhida por falta de espaço (isto não é difícil), nós mesmos então nos encarregaremos para que seja publicado em outro jornal de nossa indicação. No caso em que o trabalho não esteja em condições de ser aprovado, daremos nova orientação ao iniciante, sem imitarmos aquela crítica cruel do professor que «matou o poeta». O que não se consegue hoje pode se conseguir amanhã.

Os que não se esmorecerem e desejarem prosseguir, sem estarmos exagerando, poderão em breve futuro, tornarem-se jornalistas ou conferencistas, polemistas, divulgando a mais bela das ciências, para que no fim dêste milênio, ou antes, essas verdades da natureza possam começar a se generalizar no sêio da doutrina. É a obra evolutiva tão recomendada por Kardec.

Essa tarefa também colabora com os fundamentos evangélicos, porque todo aquêle que se abstrai na aprendizagem sadia, está preservando a mente de viciações perigosas para o desenvolvimento evolutivo do espírito.

E com êsses conhecimentos estaremos também vigilantes, impedindo que as falsas ciências supersticiosas, infiltrem-se no sêio do kardecismo, contaminando as nossas verdades, confundindo os espíritas de conhecimentos mais simples.

Os adeptos que já possuem algumas possibilidades podem desde já corresponderem conosco, com toda liberdade, e queiram nos enviar selos para a resposta.

Apelamos para a colaboração da nossa imprensa doutrinária; para que, no futuro, tenhamos mais colaboradores na divulgação científica da doutrina, no sentido geral, revelando o quanto é bela a majestosa obra da Criação Divina.

V. O. CASELLA.

Caixa Postal 153 — Araraquara —
Est. São Paulo



D. GRACINDA BATISTA

O dia 28 do mês em curso registra mais um aniversário de desencarne de D. Gracinda Batista. Não devemos deixar de passar em branco essa data, porque D. Gracinda Batista, a exemplo dos pioneiros do Espiritismo no Brasil, engrandeceu, com as suas obras e o seu devotamento ao trabalho da seara espírita, o nome desta excelsa Doutrina, que só encontrou paralelo no Cristianismo.

No silêncio do seu trabalho cristão, ela fez muito mais pela propaganda da Doutrina do que muitos que querem aparecer sem apresentar obras, apenas palavras. D. Gracinda Batista apresentou obras cujos frutos sazonados, doces, se multiplicam cada ano que passa. Para provar esta nossa assertiva, aí está o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, uma das mais notáveis instituições assisten-

ciais que conhecemos no setor espírita. Ao lado do seu companheiro Onofre Batista, que é um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, ela fez quasi um milagre, o milagre da fé, ao doar à humanidade sofredora um refúgio onde possa encontrar a cura dos seus males físicos, morais e espirituais, se levarmos em conta os poucos recursos de que dispunha na ocasião do início da obra, o casal Gracinda e Onofre Batista. De uma choupana surgiu em pouco tempo um monumento de braços abertos para acolher os sofredores.

Como se não bastasse tão imensa tarefa, que já lhe absorvia o tempo todo, D. Gracinda Batista, que possuía numerosa prole, abriu as portas do seu lar humilde a inúmeras crianças desamparadas que encontraram aí o carinho e o amparo de que necessitavam.

Por tudo isso, e por motivo do seu 11.º aniversário de desincarne, rendemos as nossas homenagens ao espírito de D. Gracinda Batista, almejando-lhe felicidade e progresso constante na Pátria Espiritual.

Que Jesus a abençõe.

País Internacional

General Levino Cornélio Wischral



O recuado século XIII, lá pelo ano 1291, findava-se a execrável missão das «Cruzadas» que, em nome de Deus e durante quase duzentos anos, encharcara o solo de sangue humano. Pretendia-se, com isso, libertar a sepultura do Cristo do poder muçulmano, nem que fosse à custa da vida de milhares de combatentes, aos gritos de «Deus o quer!»

Mal se saciava a pobre humanidade dessa odienta carnificina e já se premeditava, por essa mesma época, o mais nefando crime coletivo, qual seja o estabelecimento da chamada «Santa Inquisição», com seus «Tribunais» e «Santos Offícios», diante dos quais até as estátuas pareciam tremer de terror, iniciando-se, então, um período de 520 anos de crimes!

Estas duas manchas negras da História ficaram indelévelmente impressas na «alma» do nosso orbe, e ainda hoje gemem e gritam, exigindo justiça, pois que, apesar de praticados tais sacrilégios na Idade Média, continuam a ser ouvidas da boca dos martirizados as suas tétricas lamúrias, por entre maldições e protestos de vingança. Por isso mesmo permanece denegrada a aura do nosso planeta. Muitos de seus habitantes, devido a estarem relacionados com êsses crimes do passado, não resgatados completamente, vivem a sofrer e a «ranger os dentes», como se nos dias presentes estivessem também sub-

metidos ao sangrento e bestial suplício de outros e novos «Santos Offícios».

Foram estes os períodos mais tenebrosos da história da Terra, que continua a chorar lágrimas de sangue, consequentes do esquecimento das Leis de Deus.

Naquele longo período de 520 anos de lamentações e angústias subiam aos céus intensas e desesperadas preces, de mistura com o pranto por vezes impregnado de desespero e ódio. Jesus, o Mestre dos Mestres, Governador Supremo do planeta Terra, contemplava paciente e entristecido o desenrolar da Lei de Causa e Efeito. Era preciso salvar a humanidade, que caminhava para um abismo; entretanto, esperava o Nazareno algum tempo para que os ânimos serenassem entre suas ovelhas revoltadas, até que, lá pelo ano 1390, vendo que naquelas plagas não eram compreendidos os seus ensinamentos, baixou à região do Cruzeiro, para nela instalar, com sua luzidia comitiva, a Pátria do Evangelho, em local ainda não pisado pelo homem «civilizado». A Pátria do Evangelho seria — como diz Humberto de Campos — um refúgio cristão, espécie de oásis destinado a receber as criaturas compreensivas e fraternas. Seria o país dos que baixassem à Terra em missão celeste, ou que para ela emigrassem para fugir aos terrores das guerras e à confusão de outras plagas; seria, enfim, o éden das pessoas de boa-vontade. E, assim, coube ao Brasil, desde 1390, portanto muito antes

de ser descoberto por Cabral, o honroso título de «Coração do Mundo», pela graciosa configuração geográfica de seu contorno, e de «Pátria do Evangelho» por ser a terra da fraternidade. E nós rogamos permissão ao Alto para cognominá-lo de «País Internacional», acomodando-o melhor à nossa atual terminologia diplomática e política!

Depois de tudo resolvido pelo Alto, na magna sessão espiritual realizada sobre o solo brasileiro, o Meigo Mestre, ao se retirar, deixou instruções a Ismael — anjo de bondade e protetor deste país — para tudo realizar como fôra deliberado.

É por isso que para a terra de «Vera Cruz», assim chamada pelos primeiros portugueses aqui chegados, vêm se encaminhando até hoje os filhos das mais diversas nacionalidades, como se estivessem imantados ao solo brasileiro, sempre, porém, munidos de um «salvo conduto» que lhes é fornecido em razão de planos migratórios bem organizados na esfera espiritual.

Para se enfrentarem as enormes dificuldades do início da civilização de então, foram trazidos compulsoriamente para o Brasil, em navios negreiros, milhares de selvagens caçados como feras perigosas nas matas virgens da África distante.

Estes escravos estabeleceram, desde logo, relações de amizade com os nossos índios, que o Alto já tornara bons e mansos antes mesmo da primeira missa rezada na Terra do Cruzeiro. Logo mais, aportaram ao Brasil criaturas cultas, destinadas a implantarem a Fé e o sentimento religioso, vindo a seguir outras destinadas a edificarem o patrimônio material e moral.

E até hoje todos procuram o Brasil! Os ricos, atendendo ao chamamento do Alto, continuam a chegar na figura do turista curioso; os artistas e os industriais, no desejo de incentivarem aqui o desenvolvimento de suas especialidades; os imigrantes pobres, convocados pelos Céus, chegam em grupos alegres e esperançosos, ávidos de uma vida melhor e mais fraterna. E até o afoito clandestino, sem documentos e sem dinheiro, sentindo uma atração que não sabe explicar, para as terras brasileiras se dirige, ainda que escondido em abafado porão de transatlântico de luxo, ou viajando pelo ar, agachado e comprimido na ponta de alguma asa de avião. Outros mais, enfim,

atravessam clandestinamente as fronteiras, surgindo no Brasil como se houvessem caído do céu, recusando-se a explicar de onde vieram, com medo de serem repatriados para sua terra natal.

Percebe-se assim que, através das mais diversas vias de acesso ao Brasil, deslocam-se para a nossa Pátria aqueles que anseiam pela fraternidade. E estes peregrinos felizes, quer pareçam bons ou maus, o «Coração do Mundo» recebe com ternura e, do alto do Corcovado, a figura de Jesus abre-lhes os braços afetuosos, como que a dizer-lhes: «Sede bemvidos na Pátria do Evangelho e Coração do Mundo!».

Por isso, designemos também o Brasil como o «País Internacional», pois é aqui que as massas humanas, as mais heterogêneas, se entrelaçam, se amam e se multiplicam, dando nascimento ao «homem novo» destinado ao Terceiro Milênio.

No Brasil, tudo se resolve sem as peias e os preconceitos de côr, de raças, de posses ou de religião! Os que aqui labutam sabem perfeitamente que realmente é assim e pressentem que assim será pela eternidade afora. Nas plagas brasileiras, o branco convive com o preto; o japonês e o polonês não querem outra pátria senão esta; o marcial alemão esquece-se do seu gênio guerreiro e se transforma em humilde colono, procurando transplantar a ordem e a grandeza de sua terra para dentro do Estado de Santa Catarina; o nosso marechal de bordados dourados interessa-se vivamente pela sorte do soldado anônimo; o bom católico troca idéias com o espírita, ao mesmo tempo que o espírita e o protestante dão-se as mãos para pregarem o Evangelho; a mãe preta amamenta o filho da branca; o filhinho da moradora do rico palacete ouve atento a voz da mãezinha que lhe diz: «Vai, meu filho; vai visitar o Ditinho, que está doente lá no cortiço da esquina»; a infeliz decaída, sentindo-se arrependida, vai entregar seu rico óbulo ao orfanato pobre, transformando o amargurado dinheiro em cédulas benditas; o opulento industrial, sentindo-se tocado por Jesus, emprega noventa por cento de seus lucros na caridade e na propapanda cristã; o advogado, o engenheiro e o milionário trabalham em harmonia, com amizade e alegria, lado a lado do empregado humilde,

e o operário, embora pobre, mas serviçal, auxilia sem inveja o seu patrão a ganhar mais, engrandecendo assim o país; raro é o médico que não segue com bondade o crístico preceito do «ide e curai»; o mísero indigente da sargeta, ainda assim, cede de boa vontade o seu capote esfarrapado para agasalhar a criancinha maltrapilha de outro pedinte, seu vizinho; o compreensível padre católico sai de casa alta madrugada, às escondidas, e empurra seu donativo por debaixo da porta do asilo espírita; os espíritas e protestantes compram as tómbolas oferecidas pelo irmão sacerdote católico, para que este possa dar melhor amparo aos velhinhos do seu abrigo. Até as complicadas questões e os obscuros litígios que por vezes desnorteiam o país inteiro, criando situações tidas como insolúveis, de consequências graves e tristes, quase sempre encontram, em desacordo com os prognósticos gerais, uma boa solução, totalmente inesperada, chegando até a beneficiar a coletividade; neste caso o rifão popular «Ha males que vêm para bem» nunca teve melhor aplicação.

Só no Brasil podemos observar pessoas bem colocadas, inspiradas por Francisco de Assis, a se exercitarem nos sentimentos de humildade e renúncia, percorrendo ruas e avenidas chiques angariando dinheiro, alimentos e roupas para a «campanha do quilo», destinada a minorar a sorte dos pobres. No Brasil, o homem pode ser pobre, porém nunca morrerá de fome, pois a bondosa e fértil «mãe-natureza» vem em seu socorro e, oferecendo-lhe o nutritivo alimento da terra, diz: «toma aqui a minha succulenta fruta que Deus te dá!»

Por tudo isto, temos certeza de que os Céus nos focalizam com mais generosidade e que, por isso, todos fazem o que Jesus quer, mesmo sem o saber ou o conhecer. A caridade, neste país, é grande, e o amor não fica atrás! Desculpem-nos dizermos esta coisa singular: aqui, até os maus são bons! É um paradoxo desconcertante — não há dúvida — porém uma grande verdade.

Nesta abençoada Pátria do Evangelho, até os animais se amam melhor: temos gatinhos que sugam o leite nutritivo das tetas da cadelinha; temos a gata, de olhar terno, amamentando ratinhos quem sabe orfãos; temos o cavalo amigo, que chora e relincha pela morte do seu do-

no; temos o cão fiel que, latindo tristemente, previne de acontecimentos graves; temos o burro prestativo e atento que, de madrugada, acorda a vizinhança para acudir ao patrão acidentado! Outros mil casos poderíamos recordar; retornemos, porém ao assunto da fraternidade humana.

Vejam os alguns fatos mais objetivos; são singelos e até de aparente insignificância; no entanto, para o bom observador, demonstram claramente haver sido a nossa Terra escolhida para missão mais elevada que a de muitas nações. Como cada criatura recebe de acordo com suas obras, da mesma maneira cada país recebe de acordo com a sua conduta.

Eis um fato para corroborar a nossa asserção: — Certo filósofo e escritor, ao enviar uma missiva para sua terra natal, assim se expressou: «Enquanto aí, nesse país da velha e exausta Europa, se mede em milímetros a bondade dos corações humanos, aqui, neste abençoado país, a bondade é calculada por quilômetros.»

Outro fato: — Enquanto aqui convivem, na maior intimidade, crianças pretas, amarelas e brancas, lá longe, num civilizado e democrático país do hemisfério Norte, o governo municipal de uma cidade pede o apóio de poderosa força de carros blindados e, sabem para que? Tão sómente para garantir que uma menina pretinha pudesse frequentar a escola onde só havia crianças brancas e cujos pais não consentiam nessa «mácula».

Enquanto no Brasil o nobre e maternal coração da princesa Isabel, amparado pela Maçonaria de então, extinguiu a escravatura, em 1888, de modo rápido, definitivo, sem sangue e sem complicações, através de uma simples assinatura, limpando dessa maneira a única nódoa de nossa história, essa mesma medida governamental, em outro país, fez explodirem com inaudita violência os ânimos daquele povo, arrastando uma nação inteira a interminável sucessão de guerras civis, tão somente para manter acorrentado o precioso e gratuito capital humano! Essa guerra ceifou, como se fôra uma vingança dos Céus, não escravos pretos, porém milhares de brancos escravizados a intenções negras! Infelizmente, ainda hoje vivem nesse país nossos irmãos de côr, em bairros isolados, não podendo andar ou viajar em companhia do branco, tido como ultra civilizado... E esta ridícula quão terrível desforra continua em pleno sécu-

lo XX, século das luzes e da amizade! Como não deve estar vertendo lágrimas aquela nossa iluminada irmã, a princesa Isabel, que nos planos espirituais é considerada como «padroeira do Brasil!»

Mais um fato: — Enquanto na capital moscovita, pátria de Ivan, o Terrível, desfilavam no dia 1.º de Maio, Dia do Trabalho, de modo provocador e arrogante, intermináveis filas das mais modernas, malígnas e arrasantes armas atômicas, como uma afronta ao «Não Matarás», do Decálogo, e ao Dia do Trabalho santificante, aqui, em nossas cidades, desfilavam durante horas seguidas os inofensivos e úteis tratores agrícolas, os abençoados e bíblicos arados, os potentes destocadores, as semeadeiras automáticas e o complicado maquinário destinado a rasgar novas estradas em todas as direções. De permeio a estes benditos engenhos, de progresso e paz, notavam-se graciosas exhibições juvenis, de bailados clássicos e de ginástica. Não faltavam os enormes mostruários exibindo gigantescos espécimens de frutos, de cereais e legumes, como que para confirmar a exuberância da boa terra de Deus; nem tão pouco faltavam as artísticas viaturas, de brilhantes efeitos dourados e prateados, exibindo gentis mocinhas representando o comerciário, o homem da indústria e o operário. Por fim, desfilaram bem cuidadas carruagens, tipo Luiz XV, apresentando alegorias do lar, carruagens tripuladas por encantadoras e rosadas crianças, que sorriam garbosas e alegres em resposta aos delirantes aplausos de milhares de espectadores. A imensa assistência desta maravilhosa festa parecia, antes, uma e única família feliz. E o pacífico coração desta gente da Pátria do Evangelho sorria contente, enquanto do Alto recebia as bênçãos celestiais para os seus instrumentos de progresso, seus produtos agrícolas e seu modo cristão de viver. Parecia-nos que Jesus, todo exultante e enternecido, dizia entre as bênçãos que caíam dos Céus: «É destes operários que a minha seara necessita».

Mas não é só isso! Em virtude de um fugaz lampejo da Divindade, irradiado em direção à nossa Pátria, todos os habitantes foram supridos de amor e de sentimento de caridade. Tocados pelo milagroso influxo dos Céus, todos querem ser bons; todos desejam ajudar e dar muito. Magníficos e imprevistos rasgos de

generosidade, não conhecidos em outros países, são constantemente observados no Brasil, onde o povo não costuma se agarrar aos seus haveres, para só largá-los ao lhes visitar a morte incômoda. Se há os que dão medindo, contando e calculando, há em maior quantidade os que dão sem saber a quem, e às mancheias, seguindo os conselhos de São Francisco de Assis, que nos recomenda: «E' dando que recebemos».

E' bem verdade que, de vez em quando, registram-se no Brasil pequeninas faltas de compreensão deste preceito, dando lugar a excessos no desejo de amparar o próximo, mas que bem podem ser classificados como sublimes absurdos... Este por exemplo, ocorrido na capital de São Paulo, e que ilustra muito bem quão grande e bondosa é a alma do povo. (Aliás, rimo-nos a valer, ao nos ser contado): Um operário, após ao almoço, sentindo-se cansado e sonolento, sentou-se, conforme era do seu costume, na calçada do prédio em que trabalhava, recostando seu corpo à parede para o gostoso e habitual soninho de quem está com o estômago bem satisfeito... Começando a cochilar, caiu-lhe o chapéu, com as abas para cima, junto ao corpo adormecido. O primeiro transeunte, passando pelo sonolento, lança de imediato, dentro do chapéu do operário, o seu cruzeiro, por julgá-lo um pedinte. Outros e mais outros foram passando e também jogando suas esmolas por cima do primeiro cruzeiro. A involuntária colheita crescia a olhos vistos. O feliz «mendigo», ao acordar da sesta benéfica, procura o chapéu que lhe caíra da cabeça e dá com o estranho e milagroso montão de cédulas e moedas, ficando confuso, num misto de vergonha e de estupefação...

Os olhos dos caridosos samaritanos que por ali passavam haviam visto, certamente, naquele homem que ali se achava, de chapéu no chão, um pobre pai carregado de filhos ou, então, um abandonado da sociedade, ou mesmo um doente desfalecido; todos, entretanto, haviam reconhecido nele um irmão digno de ser amparado com urgência e, por isso, os mais variados pensamentos de piedade haviam impulsionado as cédulas bancárias para que elas se transferissem de uma algibeira para outra... Refeito, agora, do espanto, o nobre operário recolheu os oitocentos e poucos cruzeiros do chapéu e,

de fisionomia radiante, entregou-os a um orfanato defronte.

Finalmente, mais outro caso vamos narrar, mostrando a benevolência das boas almas brasileiras. A cena foi rápida, e observada nas proximidades de uma estação ferroviária.

Um destes nortistas magríssimos, apelidados de «pau de arara», apertando com ambas as mãos o seu estômago, achegou-se a um policial de fisionomia dura e circunspecta: «Seu guarda! Estou com fome! Não pode, não, me dar uns cobrinhos para comer qualquer coisa?» A resposta foi sêca: «Tenho oito filhos para sustentar, e as coisas andam pretas; ouviu?» Porém de imediato, como que voltando a si, condoído do esfomeado, assim falou ao caipira: «Olha cá, seu bobo! Sente-se aí na calçada, ponha seu chapéu no chão, faça um arzinho de vencido da vida, junte as mãos e diga umas palavrinhas chorosas aos transeuntes...» Mas, seu guarda — retrucou o homem — e... se me prenderem? «Pode confiar em mim; garanto que você terá um bom jantar; vou fingir que nada estou vendo e ninguém há de o importunar!»

Pois bem; em menos de uma hora —vejam só!—lá estava o roto chapéu de palha cheinho de cruzeiros até à borda. O bom nortista nunca vira tanto dinheiro junto em suas mãos. E, enquanto o sertanejo embarafuscava por um botequim a dentro, em busca de gostosa farofa de carne-seca, ia dizendo em voz bem alta e cheio de contentamento: «Êta gente boa!»

Eis aí uma pequenina amostra da generosidade do nosso povo.

Tacham-nos de otimista, dizendo que enxergamos as coisas tão somente pelo lado bom; pois sejamos realmente otimistas, pondo em relevo o que se pratica de bom, em lugar de acobertar com o nosso silêncio os atos daqueles que têm as mãos fechadas, com receio de perder sua tão chorada dádiva.

Que estes fatos sirvam de exemplo para os nossos irmãos de outros países, de onde, aliás, nos enviam, de vez em quando, «presentes de grego», como se diz na gíria... Ainda agora, enquanto cantarolamos inocentes e melancólicas toadas, imitando o bom caipira ao violão, em noite de luar, lá de país distante enviam-nos, para corromper a juventude, o eletrizante e endiabrado «Rock and Roll», cujo ritmo alucinante representa com exatidão o bailado da «prostituta» do Apocalípse, reinando agora em plena liberdade! Resta-nos a esperança de que na Pátria do Evangelho essa loucura não logre fixar-se.

Praza a Deus que, num futuro próximo, estejam todos os responsáveis pelo Brasil suficientemente iluminados pela luz do Cristo, para que, movidos pela compreensão e pelo amor, possam influenciar as demais nações no sentido de que não só cuidem da juventude como também adotem, em suas terras, a forma de governo que Jesus instituiu nesta sua e nossa querida Pátria do Evangelho, sob o estandarte do «Amai-vos uns aos outros!»

PAX!

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

41) Passei a ver no Germano uma criatura social e intelectualmente admirável. Quase não prescindia dele nas minhas tertúlias litero-sociais...

42) Mas, o Germano era político. Seabrista rôxo! Um dia, numa conversa íntima, discordei de seu calor político. A política, nunca foi, na verdade, o meu *fraco!*

43) O Germano se aborreceu muito comigo! Saiu de minha casa, sem se despedir de ninguém e mandou-me a

sua, de volta, o postal com a fotografia de nós ambos. Fotografia batida, aliás, a seu pedido, para que «tudo nos unisse e nada nos separasse.» Uma devolução acintosa.

44) O *tigre*, que dormia dentro de mim, despertou, assanhado. E eu, rápido, cortei a fotografia pelo meio, devolvendo-lhe a sua cara com esta explicação: «Se uma bobagem política nos separou agora, é porque nada nos unia. Fique-se com a sua foto cara, que eu

fico com a minha pessoa e carêta.»

* * *

45) Eu havia fracassado na literatura, publicando maus livrecos de versos e dramas. Se eu elaborasse um, de prosa?

46) Havia lido «*Tristezas á Beira Mar*», de Pinheiro Chagas. «*As Noites da Virgem*», de Vitoriano Palhares. Aquela literatura me arrebatara. Se eu procurasse imitar aquilo, numa prosa bonita?

47) Elaborei, então, um opúsculo — *Primavera* — O primeiro capítulo era a descrição de um idílio amoroso, entre uma jovem e uma rosa que ela despetalava, apaixonada, a lembrar-se de alguém. A jovem, a filha de meu velho professor de *Itacaranha*. Eu, o alguém lembrado.

48) Mostrei o meu *Primavera* ao Coelho Borges. Gostou muito. Chegou a dizer «Vamos publicar isso de sociedade? Colocaremos os livros e dividiremos o apurado.»

49) Concordei. Levei os originais à *Tipografia Brasil* e dei até cinquenta mil reis por conta dos trezentos que pagaria por sua impressão, dinheiro adiantado pelo sócio.

50) o tipógrafo demorou muito com a impressão. Indenizou-me do adiantamento, nas vésperas de minha primeira viagem ao Rio, ficando com os originais, para entregar-me depois. Não me entregou, entretanto, os originais. Sumiram naturalmente, misturados aos papéis sujos de sua tipografia...

51) Tentei, como honesto meio de vida, uma produção de sorvetes. Obtive duas sorveteiras de cinco quilos cada. Preparava o sorvete e vendia, alegremente, à porta de casa. E a outra, um rapaz, o Lucas, ia vender à *Praça Castro Alves*. Vendeu muito nos três primeiros dias. Aquilo me animou, sobremodo. Mas, o rapaz acabou desaparecendo com sorvete e sorveteira, com dinheiro e tudo.

* * *

52) Uma viagem ao *Rio de Janeiro* andava, de há muito, me seduzindo. O Rio era uma coisa que seduzia, como ainda seduz, aos moços aventureiros, inteligentes, idealistas, diligentes. Era esse meu caso...

53) Mas, eu sonhava com o Rio

um sonho grande e bonito: o sonho de chegar achar logo o que fazer, residir no Rio para voltar, depois, a Salvador, afim de casar-me, afim de conduzir a esposa, a mãe e irmã para junto de mim.

54) Disse meu grande sonho à minha mãe. Ela confiava, demasiadamente, em mim. Concordava, assim, com o que eu deliberasse, tanto mais, não tendo, ainda, de que se arrepender de sua confiança no filho...

55) Mas, a namorada... ficou para pensar mais calmamente

56) Contudo, eu continuava me preparando para a viagem.

Conseguí cartas de muitas casas comerciais para seus correspondentes na Capital Federal e preparava uma versalhada somenos, mas que ainda me pareciam maravilhas de inspiração, de técnica literária, de boa poesia.

57) E ia datilografar aquilo tudo, escrevendo a máquina com dois dedinhos na *Associação Caixerai*, por influência do Secretário da Instituição, o Feitosa Campos.

58) Esse Feitosa Campos, um bom rapaz, que até escrevera uns versos quebrados no primeiro album de impressões que eu tive, formava, por assim dizer, com o poeta Lidio Santos e Aurea Vianna, os intelectuais de Salvador, com quem mantive o primeiro contato, que foram as minhas primeiras amizades literárias.

* * *

59) Havia outro poeta, A. S. apelidado de *Castro Alves em pó*, porque de Cachoeira também, que publicara um volume — *Pérolas* — de poesias. — Procurei aproximar-me dele. Mas como eu havia dito que suas pérolas eram falsas, como os meus versos...

60) O velho Constantino G. Carvalho era outro poeta romântico. Tinha a mão esquerda deformada, como deformados eram, também, seus versos. E como gostava de mostrar-mos e de ouvir a minha opinião, como se minha opinião tivesse qualquer valor literário!

61) Tinha, contudo, estrofes assim, como esta, que digo, ainda, de cór:

«*Minha bela Cecilia, a vida é esta:
Do berço ao túmulo a verdade existe,
De tudo o mais que no viver consiste,
Dúbia esperança poucas vezes resta*».

62) Outro versejador, que fôra ma-

rinheiro, expulso por seu espírito de revolta e conspiração, jogador e irreverente, amigo de meu irmão José, sabendo que eu gostava de versos, dizia-me também, os seus.

63) E' de sua autoria esta quadra petroleira, que decorei. Aliás, uma das mais suaves de sua versalhada dirigida aos *Senhores Políticos* :

*Se vem um, come dinheiro,
Vem outro manda fazer.
Aquele já comeu muito,
Este, agora, quer comer...*

64) E foi até ao Lidio e ao Aureo a quem mostrei, uma noite, na *Confeitaria Esmero*, no *Terreiro*, a minha primeira produção poética em letra de fôrma: o soneto sobre a morte do «Barão Rio Branco», publicado como matéria paga, na quarta ou quinta página do *Jornal de Notícias*, entre anúncios. Eles leram, sorriram, olharam um para o outro significativamente, penalizados, talvez do poetastro autor dos versos...

* * *

65) Apareceu na Bahia um Rodolfo de tal. Uma conversa atraente, que era capaz de prender a gente, uma noite inteira, a uma cadeira de *Café*, ouvindo suas histórias, seus casos de literatura e de conquistas amorosas, suas impressões do Rio.

66) Disse-me, por mais de uma vez: «Você deve ir para o Rio. E deve ir para a Imprensa. Deve preferir a imprensa. E' uma vida mais condizente com as suas inclinações literárias. E, se eu estiver, nessa época, no Rio...

* * *

67) Fundou-se, na Bahia o *Jornal Pequeno*. Propriedade do Dr. Methodio

Coelho, direção do dr. Lemos Brito. A despeito de já com a cabeça virada para o Rio, consegui um lugar de revisor. Trabalhava com o estudante Xavier de Oliveira, que seria, depois, médico, inimigo feroz do Espiritismo, de quem eu teria de refutar, mais de uma vez, muitos argumentos contrários, insensatamente, à Doutrina Espírita, aos fatos espíritas.

68) O *Jornal Pequeno* saía muito empastelado. O diretor chamou, uma tarde, a atenção do proprietário para a revisão, que deixava muito a desejar. Dr. Methodio mandou apurar a responsabilidade dos revisores para a exclusão do culpado.

69) Eu que já vinha observando e sentindo, desde pequeno, como as coisas me eram hostis, com o destino sempre avesso, não me poupava, percebi logo tudo. Eu seria o primeiro alijado...

70) Assim sucedeu. O jornal continuou saindo empastelado e teve pouca duração, infelizmente.

* * *

71) O namorado da irmã de minha namorada disse-me de uma conversa que teve com a minha, a meu respeito. E o que dela ouviu sobre o nosso namoro: «Estava esperando oportunidade para me dar o *bilhete azul*, porque estava sentindo e vendo que eu era um namorado sem futuro. Principalmente, levando em conta a minha mania de literatura, a minha paixão pelas letras...

72) Não esperei mais nada.

Reuni suas cartas, empacotei-as direitinho e devolvi-lhas, cavalheirescamente, com duas linhas de rompimento, de despedida...

E abreviei minha viagem para o Rio...

REFLEXÕES

O homem raramente se sente feliz porque a felicidade que êle busca é a felicidade ilusão, aquela que se prende unicamente às efêmeras cousas materiais e que, por isso mesmo, desaparece com a mesma facilidade e rapidez com que desponta.

—:—

Só pela prática do Evangelho de Jesus conseguirá o homem conquistar a verdadeira liberdade, porque esta, só existe realmente no espírito emancipado de erros.

OSCAR F. CARNEIRO.

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

OS fatos comprovativos da dualidade do homem: — Espírito e corpo — da ação do Espírito fora do corpo e da sua sobrevivência, e ainda da comunicação dos Espíritos desincarnados com os homens, são já em tão grande quantidade, que se torna muito difícil agrupá-los e classificá-los; eles são de tal quilate comprovativo das verdades transcendentais que encerram e que constituem o Espiritismo, que se torna inteiramente impossível refutá-los e negá-los.

Tais fatos são verdadeiramente irrefragáveis; mas, não são de menor valia comprovativa nem possuem menor influxo persuasivo da existência dos Espíritos, da sua comunicação conosco e da sua Ciência, os argumentos da Razão, que têm jús à primazia na consideração do censo comum, pela sua natural superioridade.

Diz a razão, que a matemática não serve o mineral nem o vegetal nem os seres irracionais das diversas faunas que povoam o globo terráqueo; ela serve apenas o homem. Mas o homem é efêmero, porque tem uma vida curtíssima, e a matemática é eterna, porque dois mais dois são quatro, hoje, ontem e amanhã; temos, portanto, o transitório dominando o perpétuo, o eterno ao serviço do efêmero: colossal paradoxo que a Razão rejeita inexoravelmente! Logo — esclarece a Razão, — a matemática não serve o homem somático, o homem orgânico; ela serve, unicamente, o indivíduo espiritual, porque só êle sabe servir-se dela, e utilizá-la nas suas aplicações concretas e abstratas. Sem esse princípio inteligente, denominado Espírito, que anima o homem, a matemática de nada serviria ao homem físico como não serve ao ser irracional nem ao vegetal nem ao mineral. A Razão conclue, portanto, que sendo a matemática uma ciência, do eterno, o Princípio inteligente que dela se sabe servir, tem de ser também eterno; mais ainda, que todas as ciências eternas e transitórias são produto do Espírito, visto que só êle sabe e pode servir-se delas a seu talante, quasi; que o Espírito é soberano da matéria, pois que

a êle todas as coisas são sujeitas e todas elas utiliza inteligentemente.

Dentre todas as ciências, a que merecia o primeiro lugar, na instrução dos povos, devia ser aquela que trata da vida espiritual, da ação dos Espíritos em todos os planos da Criação, fora e dentro do organismo físico que lhes serve de veículo nos diversos estágios da vida experimental, isto é, aquela a que ora chamamos, Ciência Espírita.

Portanto, o Espiritismo é uma ciência essencialmente eterna, com mais justa razão do que qualquer outra por tratar da verdadeira vida espiritual, e é variável nas suas inúmeras aplicações como as demais ciências do eterno.

Por não ser possível repetir-se algumas das suas experiências, à vontade de cada experimentador, ela não deve ser condenada nem rejeitada por menos verdadeira, visto que sucede o mesmo com todas as outras.

A matemática tem progressões que são praticamente inaplicáveis; ela diz, por exemplo, que, se um operário chapeleiro fabrica um chapéu em 60 minutos, sessenta operários fabricariam um chapéu igual em um minuto; não é possível; contudo, ninguém, cuja cabeça não é apenas um cabide, se atreverá a dizer que a matemática é uma batata.

Pessoa alguma é capaz de produzir, a seu bel prazer, um arco iris, no espaço, e muito menos, lhe é possível atravessá-lo; tão pouco pode produzir, à sua vontade, uma aurora boreal, e provocar a queda dum aerólito ou a aparição dum cometa. As distâncias interplanetárias, o volume e o peso dos astros, a sua constituição química não se podem confirmar praticamente; no entanto ninguém rejeita nem nega nem se atreve a dizer que são falsas, as ciências correspondentes a tais fenômenos.

A medicina, pela sua fundamental virtude de curar enfêrmos, é essencialmente eterna, mas extremamente variável nas suas múltiplas aplicações, até em casos igualmente classificados. Eis porque, há mais de dois milênios, o velho Hipócrates dizia já que havia doen-

bundantes. Depois aprendemos a trabalhar a pedra, o barro e a madeira e fizemos construções mais sólidas e duráveis, defendendo-nos dos inimigos e das intempéries do tempo. Adoravamos, como divindades superiores, que acreditávamos dar vida aos homens, aos animais e as plantas, o Sol, o boi e ídolos criados pela nossa imaginação. Aprendemos a viver em grupos, a família e a tribo, dada a hostilidade do ambiente e criamos a fala, a linguagem oral, como meio de comunicação dos homens entre si. Fizemos, então, o arco, a flecha e a lança como armas de ataque e de defesa. Conhecemos e nos utilizamos do sal como tempêro para nossa alimentação que passou a ser cozida e assada. Esse longo período é chamado de pré-histórico, legendário, primitivo e selvagem.

II. — O Judaísmo deu ao povo judeu, de 1.500 antes de Cristo, com Moisés, como ponto de partida, ao advento do Cristianismo, em 29 da era Cristã;

1). — A idéia de um grande e poderoso Espírito, Criador, Conservador, Renovador do Universo, Mestre, Governador, Legislador, Conductor e Juiz do povo judeu;

2). — A idéia de um espírito imortal que habita o corpo humano;

3). — A aliança entre o Uno Eterno e o povo judeu, escolhido por Ele para espiritualizar a humanidade. Esta aliança é simbolizada pela arca que guarda as Leis Divinas, encerrada no Santuário;

4). — As leis espirituais e morais, eternas e universais, para todos os tempos, lugares e situações, dada ao povo escolhido, pela Divindade Única, por intermédio de Moisés, no monte Sinai;

5). — A idéia de recompensa para os que obedecessem à Lei e de punição aos que não a cumprissem;

6). — A Revelação Espiritual como meio de comunicação da Divindade com os homens e os Profetas, como oradores inspirados, verdadeira escola viva de espiritualização e moralização do homem;

7). — Todo o chamado imprópriamente Velho Testamento, constituído da Lei, dos Profetas e das Escrituras, como ensino gradual de espiritualização superior;

8). — As línguas hebraica e aramaica como meios de comunicação dos judeus entre si e destes com os anjos do Reino Divino, os espíritos santificados dos mortos;

9). — O alfabeto, a escrita, o papiro,

o pergaminho perpetuando a cultura e a civilização judaica;

10). — O Templo de Jerusalém e as Casas da Comunidade em todo o seu território e onde existissem comunidades judaicas, nos países estrangeiros, para estudo e interpretação dos textos, os rituais, os sacrifícios a cargo da Casta Sacerdotal, criada para esse fim;

11). — A promessa da vinda do Messias, o Salvador dos homens;

12). — A cultura e a civilização moral.

III. — O Cristianismo deu ao mundo todo, de 29 a 313 da nossa era, de acordo com as promessas do Altíssimo:

1). — O Senhor e Mestre, o Messias esperado pelo povo judeu e sua Escola Oral ambulante, como processo de educação espiritual completa do homem, para a vida eterna;

2). — As obras da fé e das virtudes e a prece como meio de elevação espiritual e de comunicação com os espíritos superiores, como estilo de vida espiritualizante;

3). — Os ensinamentos do Senhor como doutrina de salvação para todos, pela reeducação cristã da personalidade pagã do homem do mundo, que deve se transformar em espírito consciente a caminho da eternidade;

4). — A promessa do Reino do Altíssimo para todos os seus discípulos e servidores que perseverarem na fé e nas virtudes ativas e passivas até à morte do corpo físico;

5). — Jesus fundou a sua doutrina no culto interior, na vida interior, com a renegação, purificação e iluminação da personalidade humana, o templo vivo do Altíssimo, o verdadeiro tabernáculo do Senhor e Mestre, a casa real do Espírito da Verdade. Assim, o discípulo verdadeiro do Divino Mestre é um vaso escolhido e por isto mesmo precisa ser um vaso limpo, puro, iluminado, perfeito, para que o Senhor habite em nós e faça em nós a sua morada. Por isto mesmo o Senhor e Mestre combateu o culto exterior, os rituais, os sacrifícios, ordenando a destruição do Templo de Jerusalém e o extermínio da casta sacerdotal como prejudiciais ao progresso espiritual da humanidade;

6). — A expansão dos chamados imprópriamente Velho e Novo Testamento a todos os povos da Terra, destruindo as

fronteiras internacionais, criando a confraternização e a solidariedade das nações, dos povos e dos homens entre si, como uma só família universal;

7). — A promessa da vinda do Espírito da Verdade que desceria dos céus e passaria a morar com seus discípulos, na Terra, até o fim dos tempos, depois da morte e ressurreição do Senhor.

IV. — O Catolicismo deu à humanidade, de 313 a 1856 da nossa era, quando entrou em declínio:

1). — A Vulgata, a tradução dos livros sagrados para o Latim, a sua língua oficial, com o nome grego-romano de Bíblia;

2). — O Papado, o Clero, a Igreja, como organização política e econômica, de fundo religioso, com fundamento na autoridade, no poder temporal e no privilégio de casta, como um estado dentro do próprio Estado, cobrando, em caráter obrigatório, as taxas de laudêmio e aforamento, como proprietária de terrenos foreiros em todas as paróquias e a venda do seu ritualismo como mercadoria destinada ao comércio, para a sua própria manutenção e enriquecimento, contrariando os princípios ideológicos do Cristianismo primitivo e original;

3). — O culto exterior, imitando o paganismo: a missa, a reza, as procissões, o culto obrigatório das imagens, vestes sacerdotais especiais e diferentes do comum do povo, rituais e gestos, com seus templos suntuosos, com o fito de escravizar a mentalidade do povo, que conserva em estado de ignorância espiritual para esse fim;

4). — O Código de Direito Canônico, como organização mundana e jurídica da Igreja, através de rígida disciplina que mantém a coesão do clero e dos fiéis, com menosprezo das Leis Divinas e do Espírito dos Evangelhos, que substituiu pela própria doutrina;

5). — O inferno, o purgatório, o céu, o diabo;

6). — A Teologia, como enciclopédia católica, a escola e o ensino do humanismo intelectual;

7). — A interpretação material dos textos, como privilégio próprio;

8). — A Rebelião chamada Reforma, do Protestantismo, da Igreja Grega e da Igreja Russa ortodoxas, que lutaram para destruir o culto exterior, a preponderân-

cia do Papado e do clero romano, reconduzindo-se ao Espírito do Cristianismo primitivo;

9). — A abolição do intercâmbio espiritual com o mundo Espiritual superior, procurando destruir a Revelação da qual o Espírito do Cristianismo é seu fundamento.

V. — O Espiritismo deu ao Universo, de 1857 a 1957, em cumprimento às promessas do Senhor e Mestre:

1). — A era, a cultura e a civilização espiritual por excelência;

2). — As reencarnações sucessivas impulsionando o progresso espiritual coletivo, com fundamento na Sabedoria, na Justiça, no Amor e no Poder do Altíssimo;

3). — O ensino espiritual superior, o intercâmbio cultural e de solidariedade entre os dois planos o Espiritual e o hominal, através da Revelação;

4). — O conhecimento da vida espiritual de além túmulo, em suas diversas situações, da inferior à superior, através da intuição, de sonhos, de desprendimentos, de mensagens e livros ditados pelos Espíritos Superiores, formando excelente, rica e vasta biblioteca espiritualista;

5). — A destruição das barreiras existentes, até então, entre o mundo inferior dos homens encarnados, com o superior, dos espíritos humanos desencarnados;

6). — A interpretação espiritualizante das Leis, dos Profetas, das Escrituras e das Memórias dos discípulos do Divino Mestre;

7). — A formação da personalidade cristã do homem, pelo conhecimento da vida e da verdade espiritual, pelo amor divinizado e pelo trabalho construtivo e edificante que se projeta além da morte e da ressurreição, pela vida eterna, confirmando os ensinamentos do Divino Mestre;

8). — A extensão do ensino espiritual de acordo com a evolução do nosso tempo;

9). — A Doutrina Espiritual ditada pelo Altíssimo, ensinada pelo Divino Mestre e pelos Espíritos superiores, renovará a personalidade humana e implantará, na Terra, com as bençãos do tempo e das reencarnações sucessivas, a Sabedoria Espiritual, a paz, a luz, todas as virtudes cristãs, santificando o santuário interior, estendendo o reino do Pai à humanidade terrena, já então espiritualizada.

BIANOR MEDEIROS.

LIVROS E AUTORES — LÉOPOLDO MACHADO

DEUS E O MONSTRO, de *Gonzaga de Mello*

Este, o título de um opúsculo de 42 páginas muito bem impresso, que o autor nos ofereceu com esta dedicatória: «Ao bom e digno amigo de muitos anos, Professor Leopoldo Machado, minha homenagem — na oferta dê-te modesto trabalho espiritualista. — Você conhece de velha data minha sinceridade, e compreenderá, portanto, meu escôpo de verdadeira caridade, rabiscando êste opúsculo, que colima livrar o Homem dos recálques e mêdos — ao encarar a Morte e Deus... Saúde do corpo e do espírito, eis o que significa o abraço do velho amigo Luiz G. Mello. Rio 14/12/56».

E na capa, num retângulo, advertência que não espera aplausos, mas compreensão.

Comprendemos seu opúsculo, seu pensamento.

Estamos cento por cento com os seus pontos de vista.

A prova? Temos uns sessenta volumes que aguardam nossa leitura e nossa opinião. Livros também de amigos distintíssimos e caros ao nosso espírito. Mas seu trabalho, pelo título, fora do comum e por ser volume de poucas páginas... sua leveza... e a originalidade do assunto... É que, a essa altura, e em face de nosso estado de saúde, sempre periclitante, só coisas assim, leves e originais, vão sendo lidas, julgadas, e, insuficientemente apreciadas por nós.

Conhecemos seu autor durante aqueles exames por bancas, nos colégios do Brasil, nos dias anti-Getulianos, na vigência da Lei Rocha Vaz, antes de 1930. Êle fôra o chefe da turma examinadora de uma zona de Minas. Examinamos sob sua direção em *Varginha* e *Muzambinho*. Guardamos, ainda, as melhores recordações dos companheiros, menos um: um examinador metido a Sabe-tudo, a entender de tudo, a dirigir e resolver melhor do que o próprio chefe o serviço.

E tivemos com esse examinador, um dia, em *Varginha*, sério bate-boca. Que lufu forte de palavras ásperas, de parte a parte...

Depois, os bons fâdos levaram-nos a

pregador espírita, itinerante. Conhecemos, nessa fase um homem de bem, espírita: O dr. Levindo Mello.

Um dia, recordando, saudoso, aqueles dias bonitos e de muito trabalho dos exames por banca, em colégios por aí a fora, falámos, cheio de gratidão, no dr. Luiz Gonzaga de Mello, o chefe da turma daquela zona de Minas.

— O Luiz é meu irmão -- diz-nos o Levindo Mello.

Seu irmão. Eu devia adivinhá-lo, pois pela distinção e bondade...

Depois, fomos prègar em Belo Horizonte. Aliás, a primeira vez. E fizemos, então, amizade com o resto da família. Seu pai se fez um dos mais entusiasta de nossa oratória. Até conservamos fotografias tiradas juntos. Ainda conservamos o quadro a óleo, oferta de sua irmã Gabriela, em nosso quarto de dormir que, se não tem preciosidades de arte, tem nas paredes quadros e figuras que recordam amizades puras e boas.

Como é bom recordar, aquí e ali, coisas bonitas e emotivas!

Vamos, embora superficialmente, ao opúsculo *Deus e o Monstro*, que traz na capa um retângulo vinhetado:

Não esperamos aplausos.

Almejamos compreensão.

Parece que comprendemos seu opúsculo, que o sentimos. Evoluímos, felizmente, para a compreensão de seu pensamento escrito, essa coisa que não seria fácil antes.

Gonzaga de Mello é deista. Mas, seu Deus é o criador de todas as coisas, de todos os sêres. Criador e pai. E o Monstro? O Deus restrito e estreito, vingativo e rancoroso, que os homens criaram. Deus brancos e loiros na Europa e pretinhos, pretinhos na África, conforme a observação de Paulo Montegazza, no seu *Caracteres Humanos*. O Monstro é o Deus, portanto que os homens criaram insensatamente, egoísticamente, exclusivadamente. Cita Gonzaga de Mello três radialista, um padre, um pastor protestante, um espírita que está apresentando aos ouvinçes, um Deus que lhe tem sabido bem ao espírito. O espírita citado é o Alziro Zarur, da *Rádio Mundial*, da L. B. V.

Também nós estamos, como cristão

eu desejaria viver. Diga-me se reconheceria o homem que descreveu.

Voltando as páginas de um álbum onde havia numerosas fotografias, Autolycus apontou logo a de Voltaire.

— E' este... é este! — disse ele.

O doutor Gelley disse-lhe então:

— Deve gostar de saber que passou a tarde com Voltaire, o grande escritor francês. Estou convencido de que este artigo que vai hoje apresentar como de sua autoria, talvez não fosse escrito por ele próprio, mas não há dúvida que o deve ter transmitido ao seu espírito.



A mediunidade e as investigações policiais

Em *Mondo Occulto* o sr. L. Rusticucci estudou a questão das investigações psíquicas nas pesquisas policiais, e especialmente a clarividência que pode desempenhar útil papel e produzir bons resultados neste terreno. Os testemunhos de Myers «*Human Personality*») e de Conan Doyle sobre as vibrações psíquicas são judiciosamente citados.

«Em 1927, a polícia de Chorley (Inglaterra) procura a jovem Ketty Robinson, desaparecida. O médium Abraham Ischeword, em transe, revelou que a jovem fora violada num onibus na estrada de Wigam Lane, depois assassinada, nas margens do canal, perto de Liverpool. O cadáver foi encontrado graças às indicações mediúnicas, após as investigações ordinárias sem resultado.

Em setembro de 1923, um desconhecido foi assassinado e atirado no Elbe, perto de Worlitz. O cadáver, encerrado num saco, subiu à superfície e foi descoberto pela polícia. O avançado estado de decomposição do corpo não permitiu qualquer identificação. Neste caso a mediunidade desempenhou relevante serviço. O médium reconheceu os dois assassinos entre quarenta detidos numa prisão.

Em fevereiro de 1928, em Milão, no caso Rizzini, a delinquente foi encontrada pelas indicações dadas por um «sensitivo» ao doutor Tamatis, chefe da segurança.

As experiências realizadas diante da justiça alemã, pela médium sra. Gun-

ther Giffers, as de Hanunssen perante o tribunal de Leitmeritz. (Slovaquia) em junho de 1930, o caso Sarah Corbett em Cumberland, em 1929, em que a vítima foi descoberta pela mediunidade de Doris Kyle, que indicou o homem que a violara, em seguida assassinada. Estes casos provam bem a utilidade da clarividência nas investigações policiais.



Deixa-nos o nosso Presidente Achille Biquet

De «*Spiritualisme Moderne*» — Maio, 1957.

Sua volta ao Mundo Espiritual tão brusca quanto inesperada nos comove e aflige profundamente.

Achille Biquet ocupava entre nós e no mundo do Espiritismo, um lugar enorme: Presidente da União Espírita Belga; Presidente da Federação Espírita de Liège; Presidente da Aliança Espírita Ocidental; Diretor da Revista Espírita Belga; Membro do Comité da Federação Espírita Internacional.

Ele desempenhava essas múltiplas funções com admirável devotamento.

Investigador metódico e sensato, espírito convicto, organizador hábil, ele também era infatigável propagandista.

Essa perda, que nos parece irreparável, nos deixa infinitamente sensibilizados.

Essa perda é dolorosa à sua cara companheira.

Em nome da União Espírita Belga e da Federação Espírita de Liège, nós apresentamos à Snr.^a Biquet nossas sinceras e comovidas condolências.

Também as apresentamos a todos os membros de sua família e particularmente a seu irmão Henrique, também um dos nossos.

Rogamos a Deus que permita ao nosso Presidente continuar no invisível a missão que começara e que dirigia para o nosso bem, com o maior desinteresse para o triunfo da Verdade.

A União Espírita Belga lhe exprime toda sua gratidão e seu profundo pesar.

Que ele proteja a sua campanha, que ele nos assista, que ele goze a felicidade que merece.

ESPIRITISMO NO BRASIL

O que vai pela XI Concentração

Realizada pelo Conselho Diretor a prévia e traçadas linhas mestras, pelas quais nos conduziremos, surgimos aos leitores, mórmente aos moços espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, para transmitirmo-lhes — O QUE VAI PELA XI CONCENTRAÇÃO.

Em São José do Rio Preto, durante os dias 3 a 6 de Abril de 1958, estaremos realizando a XI CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE S. PAULO, e comemorando o décimo aniversário desse movimento de tão grande significação para os moços espíritas.

É preciso fazermos desse conclave, um ponto de partida para novos horizontes, novos setores de trabalho.

As primeiras concentrações, primaram pelos resultados conseguidos na aproximação de moços de cidades e Estados diferentes.

Resultados mais objetivos só eram conseguidos por este ou aquêlo moço, que perguntando a um e outro, reunia experiências, utilizando-as na solução de problemas ligados à Mocidade que pertencia.

Agora, porém, sem transformarmos a Concentração em Congresso, devemos aproveitar a oportunidade que se nos apresenta por essa ocasião, para focalizarmos assuntos inerentes aos interêsses das Mocidades.

Quando traçarmos um programa de ação, para determinado setor de trabalho, é prudente darmos-lhe um carácter experimental, porque, com o decorrer dos dias, a experiência nos apresentará as partes falhas e ela mesma se encarregará de nos traçar um roteiro prático e eficiente.

Quantas Mocidades nestes quatro Estados, que estão sem uma orientação segura no campo de estudos? Quantas estão incertas no setor de ensino? E no trabalho assistencial, quantas estão não produzindo à altura, por falta de uma organização mais prática?

A Concentração poderá, sem se lhe alterar o objetivo, ser ponto de encontro para a união das experiências, as quais estudadas, adaptadas aos problemas locais, poderão auxiliar a transpôr obstáculos que exigiram muitos dias de quebra-cabeças.

E não será difícil essa colaboração. Que cada Mocidade dê à Concentração, o valor que ela merece, e o demonstre no envio de seus representantes, os quais, deverão ser sempre, convenientemente preparados. O conclave será melhor ou pior na razão direta da eficiência de seus componentes.

Esse ano haverá em local próprio, a exposição de organogramas (mapas de trabalho), fotografias, pequenos relatórios e descrição de «Como funciona a Mocidade X».

Muitas Mocidades foram criadas e muitas outras ainda não compareceram a nenhuma concentração. Se você souber de uma Mocidade nessas condições, colha o seu enderêço e remeta-o para a XI CONCENTRAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE SÃO PAULO, caixa postal, 260, São José do Rio Preto, E. F. A. Estado de São Paulo.

Envie-nos sugestões, colaborando assim para com o brilhantismo do Conclave.

Periòdicamente, transmitiremos através dêste órgão, assuntos atinentes a Concentração do próximo ano.

Paulo Roque

Secretário do Conselho Diretor.

Publicação de Fotografias :

Com o objetivo de ilustrar ainda mais esta publicação, todos os confrades que o desejarem, poderão nos remeter clichês de motivos espíritas, de instituições espíritas para serem publicadas. A publicação dos clichês é gratuita, devendo nos enviar a respectiva notícia. Os clichês serão devolvidos.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 324.069,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião realizada em 3 de Agosto de 1957.

Após proferir uma prece, na qual solicitou bênçãos para o companheiro General Severino Antonio da Cunha, membro do Conselho desde a sua fundação, e ultimamente representante da Federação Espírita de Pernambuco, o Presidente dá por iniciada a reunião, falando ainda longamente sobre a personalidade daquele querido confrade, desencarnado em 29 de Julho próximo passado.

É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. Retoma a palavra o Presidente

para comentar as últimas manifestações sobre o Centenário da Codificação. Exibe ao Conselho os números 203 e 204 da revista japonesa «OMOTO», que, em Esperanto, aprecia longamente o movimento espírita no Brasil, com referências também à emissão do Sêlo Espírita, do qual publica o clichê, bem como do carimbo postal comemorativo.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil comunica que a passagem do cinquentenário da fundação da Federação Espírita Fluminense foi solenemente comemorada, com grande afluência de entidades filiadas.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto propõe se consigne em Ata dos trabalhos um voto de saudade ao confrade De Paula Machado.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano transmite notícias sobre as solenidades comemorativas do Centenário, brilhantes e em ordem em todo o Estado.

Sergipe — O Conselheiro Atlas de Castro, depois de comunicar que com os Conselheiros Aurino Souto e Dr. Miranda Ludolf representou o Conselho no ato de inauguração de uma herma do saudoso Telmo Maia, pede um voto de pesar pela ausência do Conselheiro Severino Cunha.

Às dezesseis horas, foi a reunião encerrada, feita a prece pelo representante de Sergipe, Conselheiro Atlas de Castro.

Desencarnou o Prof. Leopoldo Machado

Mais um dos grandes vultos do Espiritismo no Brasil acaba de deixar o plano terrestre em demanda da Pátria Espiritual, abrindo um claro bem visível na fileira espírita, difícil de ser preenchido. Trata-se do Professor Leopoldo Machado, que desencarnou no dia 22 de Agosto último, às 23.25 horas.

A notícia, que correu célere por todo Brasil, pois foi transmitida através da Rádio Mundial, pelo sr. Alziro Zarur, não nos surpreendeu, visto estarmos esperando tal acontecimento a todo instante em virtude do estado precário de saúde do nosso companheiro Leopoldo Machado. Há um ano mais ou menos, disse-nos êle em carta que nos enviou, que esta-

va vivendo à custa de tenda de oxigênio e se sentindo muito fraco e abatido. Teve êle ainda diversas crises agudas depois disso, mas continuava a escrever e a dirigir o seu movimento, embora com grande dificuldade. Recebemos dele ainda muitos originais que foram publicados nos dois órgãos de Cairbar Schutel, nosso querido companheiro. Leopoldo Machado cumpriu à risca a sua elevada tarefa na seara do Senhor. Êle foi um dos raros trabalhadores que pegaram no arado e não olharam para trás. Viveu para a Doutrina, de corpo e alma e com todas as forças do seu coração e entendimento, fazendo-nos lembrar o nosso companheiro Cairbar Schutel, a

quem êle apontou como sendo o espírita número UM do Brasil.

Para Leopoldo Machado só havia uma coisa: Espiritismo, tão grande era o seu amor à esta excelsa Doutrina que é a vivificação do vero Cristianismo e a executora das leis de Deus.

O trabalho que Leopoldo Machado desenvolveu na seara espírita foi realmente imenso e poucos o igualaram neste particular. Escreveu inúmeros livros que são procurados com visível interês-

lho, mas em compensação ganhamos o auxilio espiritual de um espírito de luz que nos pode orientar e confortar nas horas de necessidade, a exemplo de Cairbar Schutel.

Leopoldo Machado, entre os seus grandes empreendimentos, fundou o «Lar de Jesus» em Nova Iguaçu em companhia de sua esposa D. Marília Barbosa Machado, já do lado de lá. Não houve filhos do casal, mas o casal tinha muitos filhos no «Lar de Jesus», que eram tratados com amor e dedicação. Cheio de expedientes cristãos e sempre bem orientado na obra, Leopoldo Machado arranjava tudo com precisão. Assim o «Lar de Jesus» tinha pão e vestimenta em abundância para as suas filhinhas, além do ensino primário e até secundário, pois foi êle o fundador e o Diretor do Colégio Leopoldo, um dos mais importantes estabelecimentos de ensino de Nova Iguaçu.

Trabalhador ativo, sempre em movimento e disposto a servir a Doutrina tanto quanto possível, Leopoldo Machado foi o animador das Mocidades Espíritas, que criou corpo e alma graças ao estímulo e orientação desse idealista cristão. Fundou muitas Mocidades Espíritas percorrendo diversos Estados nessa tarefa. A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» de Matão por exemplo, foi fundada sob a sua presidência, ao nos fazer êle uma visita.

Na difusão da Doutrina não tinha hora e nem canseiras. Estava sempre pronto para servir a Verdade com alegria, com prazer, não medindo dificuldades e sacrifícios. Teve muitos atritos por causa de assuntos doutrinários, mas era sempre, em todas as ocasiões, o amigo serviçal e afetuoso. Não guardava resquícios de desagavos, porque sabia sentir o objetivo da vida.

Ainda há pouco tempo escreveu-nos dizendo que sentia estar próximo o seu fim e que porisso ia pedir perdão àqueles com quem teve desinteligências, o que constitue um prova de humildade, gesto este que deve ser imitado por todos quantos se afirmam cristãos.

Leopoldo Machado soube ter forças suficientes para renunciar as cousas terrenas, dando tudo o que possuía à causa que abraçara, a exemplo da viuva pobre. Podia ser rico das cousas materiais, porque tinha aptidões para tal, mas



Leopoldo Machado

se, livros doutrinários, de polêmica, de teatro e de assuntos vários, todos relacionados com a Doutrina. E escrevia para muitos órgãos espíritas, entre os quais «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo». Tinha amor à obra de Cairbar Schutel e em todos os números destes dois órgãos via-se os seus bem lançados escritos. Porisso o consideravamos como nosso companheiro de redação, nos ajudando apreciavelmente, embora de longe. Com o seu passamento perdemos um grande companheiro de traba-

preferiu troca-las pelas cousas do espírito.

Leopoldo Machado nasceu na Bahia em 13 de Setembro de 1891. A sua juventude foi movimentada e ativa, cheia de lances interessantes conforme se pode ver em «Memórias de um Espírita Baiano», que vem sendo publicado em «Revista Internacional do Espiritismo.»

Em 1915, por influência de José Petitinga, outro vulto do Espiritismo no Brasil, ingressou nas fileiras espíritas. Inteligente e amigo da Verdade, lançou-se ao estudo desta grandiosa Doutrina com entusiasmo e grande fôrça de boa vontade, até alcançar um lugar de destaque entre os maiores propagandistas e trabalhadores da seara espírita. Foi secretário da União Espírita Baiana, transferindo-se para Nova Iguaçu, Estado do Rio, onde terminou seus dias de existência terrena, toda ela dedicada ao Espiritismo, depois que aceitou esta Doutrina.

Manteve polémicas com sacerdotes que procuraram redicularizar o Espiritismo, os quais se viram em papos de aranha por falta de argumentos que pudessem faze-lo bater em retirada. Foi um dos mais ardorosos defensores do Espiritismo.

Leopoldo Machado enriqueceu notavelmente a Biblioteca Espírita, com obras de grande valor, entre as quais podemos citar as seguintes: «*Caxias, um eminente iguaçuano*», narrativa histórica; «*Natal dos Cristãos Novos*», «*A Caravana da Fraternidade*», «*Uma Grande Vida*», «*Graças sôbre Graças*», «*Cruzada do Espiritismo de Vivos*», «*Cientismo e Espiritismo*», «*Para o Alto*», «*Observações e Sugestões*», «*Teatro da Mocidade*», «*Das responsabilidades maiores dos Espíritas do Brasil*», «*Consciências*», «*Julga, leitor, por ti mesmo*», «*Sensacional polémica*», «*Pigmeus contra Gigantes*», «*Doutrina Inglória*», «*Ide e Pregai*», «*Iluminação*», «*O Brasil, berço da humanidade*», «*Teatro Espiritualista*», 1.^o e 2.^o volumes.

Como se vê, Leopoldo Machado foi um dos escritores espíritas que mais obras produziram. Mesmo enfêrmo, quasi com os pés na sepultura, não deixou de pôr o seu cérebro em atividade escrevendo livros e artigos para jornais espíritas, participando até de grandes mo-

vimentos espíritas. O dirigente do Centro Espírita «Fé, Esperança e Caridade», de Nova Iguaçu, foi incansável no trabalho espiritual. Foi o exemplo do verdadeiro cristão. Por isso deve estar agora recebendo à justa recompensa de Deus ao lado dos seus amigos e companheiros de ideal.

Leopoldo Machado desencarnou no «Lar de Jesus», sendo o seu corpo transferido para o Colégio Leopoldo, em cuja sala de conferências ficou exposto à visita pública.

Durante todo o transcorrer do dia 23, até o saimento fúnebre, centenas de pessoas passaram diante do esquife onde repousava, entre flôres brancas, o corpo de Leopoldo Machado, prestando-lhe assim, educandários, instituições, autoridades e o povo, sentidas homenagens.

Cerca das 16 horas, saiu o entêro da Sala «Leopoldo Machado», falando antes a toda aquela multidão que ia levar o velho Mestre até o cemitério, os Prof.s Newton Gonçalves de Barros e Valdemiro de Faria Pereira.

O cortejo seguiu até o Centro Espírita «Fé, Esperança e Caridade» e voltou até a cancela do Caonze, atravessou-a e seguiu pela rua Marechal Floriano. Todo o comércio cerrou suas portas à passagem do esquife e centenas de populares fizeram alas, assistindo, com respeito, àquela multidão a levar o querido mestre à sua última morada. Das janelas e sacadas dos edificios muitas pessoas também davam adeus ao fundador do Colégio Leopoldo, do «Fé, Esperança e Caridade» e do «Lar de Jesus».

No cemitério, antes de baixar o corpo à sepultura, falaram os seguintes oradores: Manuel Brandão, Prof. Amadeu Santos, Atila de Castro, D. Ruth Santana, Prof.^a Albertina Trigueiro, Ercilia Valverde; os representantes de Juiz de Fôra e Volta Redonda, e de S. Gonçalo, e o sr. José Moreira Neto. Ouviram-se preces ao Criador e a Canção da Alegria Cristã. E, finalmente, o toque de silêncio, após a Ave Maria, dado por um militar.

Que Jesus abençõe este nosso companheiro e lhe dê oportunidades de se iluminar ainda mais, para poder iluminar com suas luzes, os que procuram a Verdade pregada por Jesus.

Até breve, amigo e companheiro de trabalho na seara cristã.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, —luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.\$23,00, inclusive porte e registro.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 20,00, e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos :

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo ?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
Novos Rumos à Medicina — 2.º vol.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
A Reencarnação

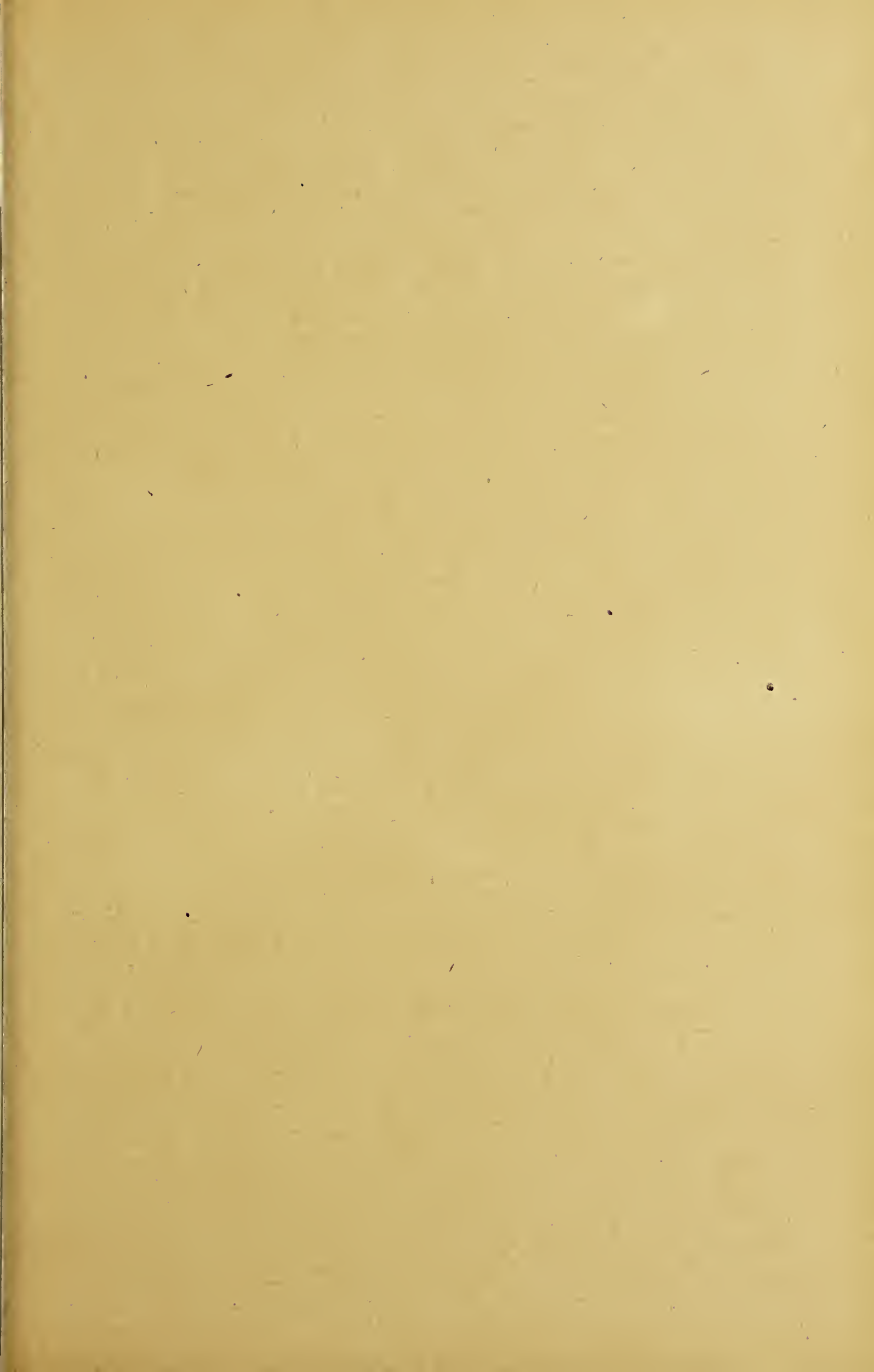
Romances :

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Spíritus Maledíctus
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Scrâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vol

Infantis :

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

